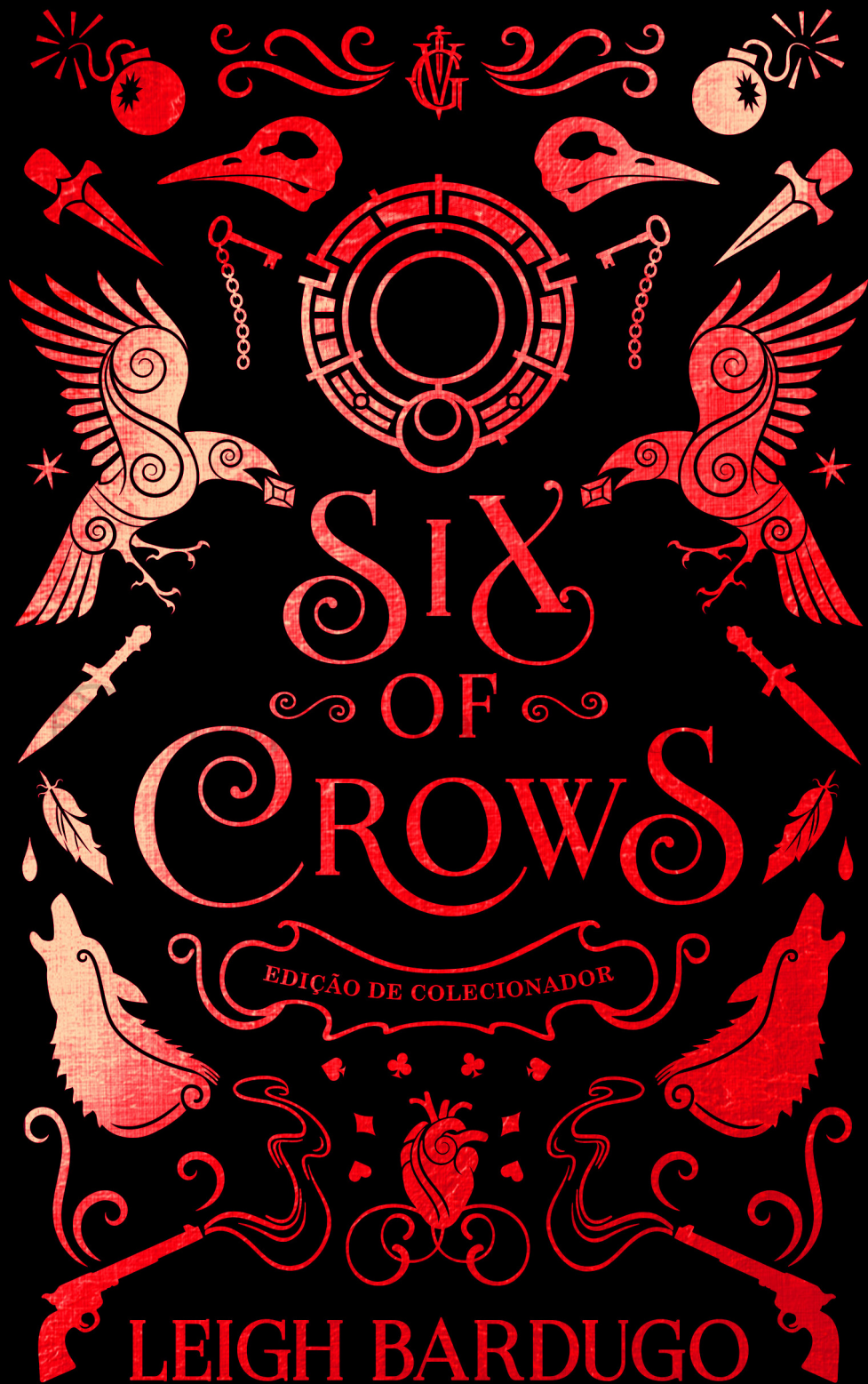




TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

 Planeta minotauro

LEIGH BARDUGO

SIX
OF
CROWS

SANGUE E MENTIRAS

Tradução
Eric Novello



Planeta minotauro

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO: VENDA PROIBIDA.

Copyright © Leigh Bardugo, 2015
Copyright © Editora Planeta do Brasil, 2025
Copyright da tradução © Eric Novello, 2025
Todos os direitos reservados.
Título original: *Six of Crows*

Preparação: Paula Passarelli
Revisão: Felipe Castilho, Anderson Vidal, Bia Nunes de Sousa,
Mariana Paixão e Elisa Martins
Projeto gráfico e diagramação: Maria Beatriz Rosa e Vivian Oliveira
Mapa: Keith Thompson
Ilustrações de capa: Shutterstock
Capa: adaptada do projeto original
Adaptação de capa: Isabella Teixeira

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Bardugo, Leigh

Six of Crows : sangue e mentiras / Leigh Bardugo ; tradução de
Eric Novello. - São Paulo : Planeta do Brasil, 2025.

448 p.

ISBN 978-85-422-3185-4

Título original: *Six of Crows*

I. Ficção norte-americana I. Título II. Novello, Eric

25-0483

CDD 813

Índice para catálogo sistemático:
I. Ficção norte-americana



Ao escolher este livro, você está apoiando o
manejo responsável das florestas do mundo

2025

Todos os direitos desta edição reservados à
Editora Planeta do Brasil Ltda.

Rua Bela Cintra, 986, 4ª andar – CEP 01415-002

Consolação – São Paulo – SP

www.planetadelivros.com.br

faleconosco@editoraplaneta.com.br

TRECHO ANTECIPADO PARA DIVULGAÇÃO. VENDA PROIBIDA.

OS GRISHAS

SOLDADOS DO SEGUNDO EXÉRCITO
MESTRES DA PEQUENA CIÊNCIA

CORPORALKI

(A ORDEM DOS VIVOS E DOS MORTOS)

Sangradores

Curandeiros



Planeta minotauro

ETHEREALKI

(A ORDEM DOS CONJURADORES)

Aeros

Infernais

Hidros

MATERIALKI

(A ORDEM DOS FABRICADORES)

Durastes

Alquimistas

PARTE I

NEGÓCIOS SOMBRIOS

PROIBIDA A REPRODUÇÃO PARA FIM COMERCIAL. VENDA PROIBIDA.

I. JOOST



JOOST TINHA DOIS PROBLEMAS: A LUA E SEU BIGODE.

Supostamente, ele deveria estar fazendo suas rondas na casa de Hoede, mas tinha passado os últimos quinze minutos perambulando perto da parede sudeste dos jardins, tentando pensar em algo inteligente e romântico para dizer a Anya.

Se pelo menos os olhos de Anya fossem azuis como o mar, ou verdes como esmeraldas.

Mas seus olhos eram castanhos – encantadores e oníricos como... chocolate derretido? Pelos de coelho?

— Basta dizer a ela que sua pele é como a luz do luar — seu amigo Pieter tinha dito. — Garotas adoram isso.

Uma solução perfeita, mas o clima de Ketterdam não estava cooperando. Nem uma brisa sequear havia soprado do porto naquele dia, e uma névoa cinza pastosa cobrira de umidade os canais e becos sinuosos da cidade. Até aqui, nas mansões da Geldstraat, o ar pesava com o cheiro de peixe e água estagnada, e a fumaça das refinarias das ilhas ao redor da cidade tinha manchado o céu noturno com uma névoa de salmoura. A lua cheia parecia menos uma joia e mais uma bolha amarela que precisava ser estourada.

Talvez ele pudesse elogiar a risada de Anya? O problema é que ele nunca a tinha visto rir. Ele não era muito bom de piadas.

Joost observou seu reflexo em um dos vidros emoldurados nas portas duplas que separavam a casa do jardim lateral. Sua mãe estava certa. Mesmo em seu novo uniforme, ele ainda tinha cara de bebê. Passou devagar os dedos sobre o lábio superior. Se pelo menos seu bigode tivesse crescido de verdade. Com certeza parecia estar um pouco mais grosso do que ontem.

Ele estava trabalhando de guarda na *stadwatch* fazia menos de seis semanas, e o trabalho não era nem de longe tão interessante quanto esperava. Imaginou que estaria perseguindo ladrões no Barril ou patrulhando

os portos, fazendo as primeiras inspeções em carregamentos que chegavam às docas. Mas desde o assassinato daquele embaixador na prefeitura, o Conselho Mercante estava reclamando sobre segurança, então onde ele estava agora? Forçado a dar voltas em torno da casa de algum mercador sortudo. Não era qualquer mercador, no entanto. O Conselheiro Hoede ocupava um posto elevado na hierarquia do governo de Ketterdam. O tipo de pessoa que poderia levar sua carreira a outro patamar.

Joost ajustou o caimento de seu casaco e seu rifle, e então deu um tapinha no cassetete reforçado que ficava na cintura. Talvez Hoede notasse e apreciasse seu trabalho. Ele diria: *Olhos de águia e ágil com sua arma. Aquele rapaz merece uma promoção.*

— Sargento Joost Van Poel — ele sussurrou, saboreando o som das palavras. — *Capitão* Joost Van Poel.

— Pare de ficar se admirando.

Joost virou-se rapidamente, as bochechas pegando fogo enquanto Henk e Rutger entravam confiantes no jardim lateral. Ambos eram mais velhos, maiores e com ombros mais largos do que Joost, e eram guardas da casa, criados particulares do Conselheiro Hoede. Isso significava que vestiam seu uniforme verde pálido, carregavam rifles modernos de Novyi Zem e nunca perdiam uma oportunidade de lembrar Joost de que ele era apenas um ninguém da guarda da cidade.

— Acariciar essa penugem não vai fazê-la crescer mais rápido — Rutger disse, rindo alto.

Joost tentou conjurar um pouco de dignidade.

— Preciso terminar minha ronda.

Rutger cutucou Henk com o cotovelo.

— Isso significa que ele vai enfiar a cabeça na oficina Grisha para dar uma olhada na garota dele.

— *Oh, Anya, por favor, use sua mágica Grisha para fazer meu bigode crescer!* — Henk disse, em tom jocoso.

Joost fincou o pé no chão e virou-se, bochechas ardendo, e andou rapidamente pela lateral leste da casa. Eles o sacaneavam desde que havia chegado. Se não fosse por Anya, ele provavelmente teria pedido ao seu capitão que o mudasse de posto. Ele e Anya só tinham trocado algumas palavras em suas rondas, mas ela sempre era a melhor parte da sua noite.

E ele tinha que admitir: gostava da casa de Hoede também, o pouco que conseguia vislumbrar pelas janelas. Hoede possuía uma das mansões mais grandiosas do Geldstraat – pisos com quadrados reluzentes de pedras brancas e negras, paredes de madeira escura polida iluminadas por candelabros de vidro soprado que flutuavam como águas-vivas sob os tetos artesoados. Algumas vezes Joost gostava de fingir que a casa era dele, que ele era um mercador rico passeando pelo seu lindo jardim.

Antes de virar a esquina, Joost respirou profundamente. *Anyá, seus olhos são castanhos como... casca de árvore?* Ele pensaria em algo. Era melhor improvisando, de qualquer modo.

Ficou surpreso ao ver as portas com painéis de vidro da oficina Grisha abertas. Mais do que os azulejos azuis pintados à mão da cozinha ou as lareiras repletas de vasos de tulipas, essa oficina era uma prova da riqueza de Hoede. Grishas sob contrato de servidão não eram baratos, e Hoede tinha três deles.

Mas Yuri não estava sentado à longa mesa de trabalho, e não havia sinal algum de Anya. Apenas Retvenko estava lá, esparramado em uma cadeira em robe azul-escuro, olhos fechados, um livro aberto no peito.

Joost parou perto da entrada, e então pigarreou.

— Essas portas devem ficar fechadas e trancadas à noite.

— Esta casa é um forno! — Retvenko resmungou sem abrir os olhos, com forte sotaque ravkano arrastado. — Diga a Hoede que, quando eu parar de suar, eu fecho as portas.

Retvenko era um Aero, mais velho do que os outros Grishas sob contrato de servidão, seu cabelo permeado com fios prateados. Havia rumores de que havia lutado pelo lado que perdeu na guerra civil de Ravka, e tinha fugido para Kerch depois do conflito.

— Seria um prazer levar suas reclamações até o Conselheiro Hoede — Joost mentiu. A casa estava sempre superaquecida, como se Hoede tivesse uma cota de carvão para queimar, mas Joost não seria a pessoa a mencionar isso. — Até lá...

— Você tem notícias de Yuri? — Retvenko o interrompeu, finalmente abrindo os olhos inchados e com olheiras.

Joost olhou rapidamente para as tigelas de uvas vermelhas e pilhas de veludo vermelho escuro na mesa de trabalho. Yuri estava trabalhando no tingimento de cortinas usando a cor da fruta para a Senhora Hoede,

mas tinha adoecido gravemente alguns dias atrás, e Joost não o vira desde então. Começava a acumular pó sobre o veludo, e as uvas estavam estragando.

— Não soube de nada.

— É claro que você não sabe de nada. Ocupado demais desfilando em seu uniforme roxo estúpido.

O que tinha de errado com seu uniforme? E por que Retvenko estava aqui, afinal? Ele era o Aero particular de Hoede e frequentemente viajava com os carregamentos mais preciosos do mercador, garantindo ventos favoráveis para levar os navios ao porto de forma segura e rápida. Por que ele não poderia estar no mar agora?

— Eu acho que o Yuri pode estar em quarentena.

— Tão útil — Retvenko disse sarcasticamente, fazendo uma careta. — Você pode parar de esticar o pescoço como se fosse um ganso esperançoso. Anya não está mais aqui.

Joost sentiu seu rosto esquentar novamente.

— Onde ela está? — ele perguntou, tentando soar autoritário. — Ela deveria estar dentro da casa depois do anoitecer.

— Faz uma hora que Hoede a levou. Igual à noite em que ele veio pegar o Yuri.

— O que você quer dizer com “ele veio pegar o Yuri”? Yuri ficou doente.

— Hoede leva Yuri, Yuri volta doente. Dois dias depois, Yuri desaparece de vez. Agora Anya.

De vez?

— Talvez tenha havido uma emergência. Alguém precisava de cura...

— Primeiro Yuri, agora Anya. Eu serei o próximo, e ninguém perceberá além do pobrezinho Oficial Joost. Agora você precisa ir embora.

— Se o Conselheiro Hoede...

Retvenko levantou um braço e uma lufada de ar empurrou Joost para trás.

Joost se esforçou para se manter em pé, agarrando-se ao batente da porta.

— Eu disse *agora*. — Retvenko gesticulou fazendo um círculo no ar, e a porta fechou violentamente. Joost soltou as mãos no último instante para evitar que seus dedos fossem esmagados, e caiu no jardim lateral.

Ele se levantou o mais rápido que pôde, limpando a lama de seu uniforme, a vergonha corroendo-o por dentro. Um dos vidros da porta tinha rachado com o impacto. Através dele, viu o Aero com um sorriso no canto da boca.

— Isso vai ser somado ao seu contrato de servidão — Joost disse, apontando para o vidro quebrado. Ele odiou o modo como sua voz saiu, tão insignificante e fraca.

Retvenko acenou com a mão, e as portas tremeram nos eixos.

Sem querer, Joost deu um passo para trás.

— Vá cuidar da sua ronda, cãozinho de guarda — Retvenko gritou.

— Melhor impossível, hein? — zombou Rutger, encostado na parede do jardim. Há quanto tempo ele estava ali?

— Você não tem coisa melhor para fazer do que ficar me seguindo? — Joost perguntou.

— Todos os guardas devem se reportar à garagem de barcos. Até você. Ou está ocupado demais fazendo novos amigos?

— Eu estava pedindo a ele que trancasse a porta.

Rutger balançou a cabeça.

— Você não pede. Você ordena. Eles são servos, não visitas ilustres.

Joost seguiu atrás dele, corroendo-se de humilhação por dentro. A pior parte é que Rutger estava certo. Retvenko não podia falar com ele daquele jeito. Mas o que Joost poderia fazer numa hora dessas? Mesmo se tivesse a coragem de brigar com um Aero, seria como lutar com um vaso caro. Os Grishas não eram apenas servos, eram bens preciosos de Hoede.

E o que Retvenko queria dizer com aquela história de Yuri e Anya serem levados embora, afinal? Será que ele estava mentindo para proteger Anya? Grishas sob contrato de servidão eram mantidos dentro de casa por um bom motivo. Andar pelas ruas sem proteção era arriscar ser raptado por um mercador de escravos e nunca mais ser visto. *Talvez ela esteja se encontrando com alguém*, Joost especulou, miseravelmente.

Seus pensamentos foram interrompidos por um raio de luz e um movimento perto da garagem de barco que dava para o canal. Nas margens ele podia ver outras casas refinadas de mercadores, altas e esguias, as perfeitas arestas de seus telhados desenhando silhuetas escuras no céu noturno, seus jardins e garagens de barco iluminados por lanternas.

Algumas semanas atrás, tinham dito a Joost que iam reformar a garagem de barco de Hoede, e que ele deveria ignorá-la em suas rondas. Mas

quando ele e Rutger entraram, não viu tinta nem andaimes. Os *goeles* e remos haviam sido empurrados contra as paredes. Os outros guardas da casa estavam lá em seus uniformes verde-mar, e Joost reconheceu dois guardas da *stadwatch* em roxo. Mas a maior parte do interior da garagem era tomada por uma grande caixa – uma espécie de cela isolada que parecia ser feita de aço reforçado, suas juntas cheias de rebites, uma enorme janela afixada em uma das suas paredes. O vidro era levemente recurvado, como ondas, e através dele Joost podia enxergar uma garota sentada perto de uma mesa, segurando firmemente sua roupa de seda vermelha ao redor de si. Atrás dela, um guarda da *stadwatch* permanecia em posição de alerta.

Any, Joost percebeu com um susto. Seus olhos castanhos estavam arregalados e assustados, sua pele pálida. O garoto sentado à sua frente parecia ainda mais aterrorizado. Seu cabelo estava bagunçado, como se tivesse acabado de acordar, e suas pernas balançavam da cadeira, chutando nervosamente o ar.

— Para que todos esses guardas? — perguntou Joost. Havia mais de dez deles amontoados naquela garagem. O Conselheiro Hoede estava lá também, junto com um mercador que Joost não conhecia, ambos vestidos de preto-mercante. Joost se endireitou quando viu que estavam conversando com o capitão da guarda da *stadwatch*. Ele torceu para que tivesse conseguido limpar toda a lama do jardim de seu uniforme. — O que está acontecendo?

Rutger deu de ombros.

— Quem se importa? É uma quebra na rotina.

Joost voltou a olhar para o vidro. Any o fitava, um olhar disperso e sem foco. No dia em que tinha chegado à casa de Hoede, ela havia curado um machucado em sua bochecha. Não era nada, um resquício amarelo-esverdeado de uma pancada que levou no rosto durante um exercício de treinamento, mas aparentemente Hoede percebera o hematoma e não gostava que seus guardas parecessem arruaceiros.

Joost foi enviado à oficina Grisha, e Any pediu-lhe que sentasse sob um raio brilhante de luz solar daquele fim de inverno. Seus dedos gentis passaram por sua pele e, embora a coceira fosse terrível, alguns segundos depois era como se o machucado nunca tivesse existido.

Ao agradecê-la, Any sorriu, e esse foi o fim de Joost. Ele sabia que não tinha qualquer chance. Mesmo que ela tivesse algum interesse nele,

ele nunca conseguiria comprar sua liberdade de Hoede, e ela nunca poderia se casar a menos que Hoede aprovasse. Mas isso não o impediu de passar para dar um oi ou de levar-lhe pequenos presentes. O presente preferido dela foi um mapa de Kerch, um desenho caprichado da nação-ilha onde moravam, cercada de sereias nadando no Mar Verdadeiro e navios impulsionados por ventos desenhados como homens de bochechas gordas. Era um souvenir barato, do tipo que os turistas compravam na Aduela Leste, mas parecia ter agradado.

Agora ele arriscou levantar a mão, acenando. Anya não esboçou nenhuma reação.

— Ela não pode vê-lo, idiota. — Rutger riu. — O vidro é espelhado do outro lado.

As bochechas de Joost coraram.

— Como eu podia ter adivinhado isso?

— Experimente abrir os olhos e prestar atenção.

Primeiro Yuri, agora Anya.

— Por que eles precisam de uma Curandeira Grisha? Aquele garoto está ferido?

— Ele parece estar bem, visto daqui.

O capitão e Hoede pareciam ter chegado a algum tipo de acordo.

Pelo vidro, Joost viu Hoede entrar na cela e dar uma leve batida no ombro do garoto, para encorajá-lo. Devia ter uns respiradouros na cela, porque ele ouviu Hoede dizer:

— Seja um garoto corajoso, e você sairá daqui com alguns *kruges*.

Então ele segurou o queixo de Anya com a mão manchada de velhice. Ela ficou tensa, e Joost se retorceu por dentro. Hoede deu uma leve sacudida na cabeça de Anya.

— Faça o que mandam e isso logo terminará, *ja?*

Ela deu um sorriso forçado.

— É claro, onkle.

Hoede sussurrou algumas palavras para o guarda atrás de Anya, e então deu um passo para fora da cela. A porta se fechou com um estrondo metálico, e Hoede fechou a tranca pesada.

Hoede e o outro mercador se posicionaram quase diretamente na frente de Joost e Rutger.

O mercador que Joost não conhecia disse:

— Você tem certeza de que isso é uma boa ideia? Essa garota é uma Corporalki. Depois do que aconteceu com o seu Fabricador...

— Se fosse o Retvenko, eu estaria preocupado. Mas Anya é dócil. Ela é uma Curandeira. Não tem tendências agressivas.

— E você reduziu a dose?

— Sim, mas podemos concordar então que, se tivermos os mesmos resultados do Fabricador, o Conselho me recompensará? Não podem pedir que eu arque com esse custo.

Quando o mercador assentiu, Hoede sinalizou para o capitão.

— Prossiga.

Os mesmos resultados do Fabricador. Retvenko disse que Yuri tinha desaparecido.

Era isso o que ele queria dizer?

— Sargento — disse o capitão. — O senhor está pronto?

O guarda dentro da cela respondeu:

— Sim, senhor. — E puxou uma faca.

Joost engoliu em seco.

— Primeiro teste — disse o capitão.

O guarda se inclinou para a frente e ordenou que o garoto arregaçasse as mangas. Ele obedeceu e esticou o braço, botando o dedão da outra mão na boca. *Ele não é velho demais para isso?*, pensou Joost. Mas o garoto devia estar muito assustado. Joost dormira com um urso feito de meia até quase os quatorze anos, algo que seus irmãos mais velhos tinham usado para zombar dele sem cessar.

— Isso vai doer um pouco — disse o guarda.

O garoto manteve o dedão na boca e assentiu, olhos arregalados.

— Isso realmente não é necessário... — falou Anya.

— Quieta, por favor — disse Hoede.

O guarda deu uma batidinha no ombro do garoto, e então abriu um corte vermelho vibrante no seu antebraço. O garoto começou a chorar instantaneamente.

Anya tentou se levantar da cadeira, mas o guarda colocou uma mão no seu ombro de forma severa.

— Está tudo bem, sargento — disse Hoede. — Deixe que ela o cure.

Anya se inclinou para a frente, pegando a mão do garoto de modo gentil.

— Shhhh — ela disse suavemente. — Deixe eu ajudar.

— Vai doer? — o garoto perguntou, engolindo em seco.

Ela sorriu.

— De modo algum, só vai coçar um pouco. Tente ficar parado, tá?

Joost se deu conta de que estava se inclinando para ver melhor. Ele nunca tinha realmente visto Anya curar alguém.

Anya tirou um lenço de sua manga e limpou o excesso de sangue. Então seus dedos passaram suavemente sobre a ferida do garoto.

Joost olhou fixamente, espantado, conforme a pele parecia se reconstruir e costurar aos poucos.

Alguns minutos depois, o garoto sorriu e esticou o braço para ver. Parecia um pouco avermelhado, mas estava liso e sem marcas.

— Isso foi magia?

Anya tocou delicadamente o nariz dele.

— Mais ou menos. A mesma magia que seu corpo faz quando você usa curativos e espera um tempo.

O garoto parecia quase desapontado.

— Bom, bom — Hoede disse impacientemente. — Agora a *parem*.

Joost franziu a testa. Ele nunca tinha ouvido aquela palavra antes.

O capitão sinalizou para seu sargento.

— Segundo teste.

— Estique seu braço — o sargento ordenou ao garoto, mais uma vez.

O garoto balançou a cabeça.

— Eu não gosto dessa parte.

— Agora!

O lábio inferior do garoto tremeu, mas ele deu o braço. O guarda o cortou mais uma vez. Então ele colocou um pequeno envelope de papel de cera na mesa na frente de Anya.

— Engula o conteúdo do envelope — Hoede ordenou a Anya.

— O que é isso? — ela perguntou com a voz trêmula.

— Isso não é da sua conta.

— *O que é isso?* — ela repetiu.

— Não vai te matar. Vamos pedir que você execute algumas tarefas simples para julgar os efeitos da droga. O sargento está aí para garantir que faça o que for pedido e nada mais, entendeu?

Ela contraiu a mandíbula, mas assentiu.

— Ninguém vai te machucar — disse Hoede. — Mas lembre-se: se ferir o sargento, não terá como sair desta cela. As portas estão trancadas pelo lado de fora.

— O que tem naquele envelope? — sussurrou Joost.

— Não sei — disse Rutger.

— O que você sabe? — ele resmungou.

— O suficiente para manter minha boca fechada.

Joost fez uma careta.

Com as mãos tremendo, Anya levantou o pequeno envelope e abriu sua borda.

— Vá em frente — disse Hoede.

Ela inclinou a cabeça para trás e engoliu o pó. Por um momento permaneceu sentada, esperando, lábios apertados um contra o outro.

— É *jurda*? — ela perguntou esperançosa. Joost também estava torcendo para que fosse.

Jurda não era nada a se temer, um estimulante que todo mundo na *stadwatch* mastigava para ficar acordado nos turnos da noite.

— Como é o gosto? — Hoede perguntou.

— Como *jurda*, mas mais doce, ele...

Anya inspirou profundamente. Suas mãos seguraram na mesa com força, suas pupilas dilatando tanto que seus olhos pareciam quase negros.

— Ohhh — ela disse, suspirando. Era quase um ronronar.

O guarda segurou seu ombro com mais força.

— Como você se sente?

Ela só olhou fixamente para o espelho e sorriu. Sua língua apareceu entre seus dentes brancos, manchada como por ferrugem. Joost gelou.

— O mesmo que aconteceu com o Fabricador — murmurou o mercador.

— Cure o garoto — Hoede ordenou.

Ela acenou com a mão, um gesto quase casual, e o corte no braço do garoto fechou instantaneamente. O sangue se levantou brevemente de sua pele em gotículas vermelhas e então desapareceu. Sua pele parecia perfeitamente lisa, qualquer marca de sangue ou vermelhidão removida.

O garoto sorriu.

— Isso com certeza foi magia.

— A *sensação* é mágica — Anya disse com aquele mesmo sorriso inquietante.

— Ela nem encostou nele — o capitão disse, impressionado.

— Anya — disse Hoede. — Preste atenção. Vamos dizer ao guarda para começar o próximo teste agora.

— Mmmm — Anya murmurou.

— Sargento — disse Hoede —, corte o dedão do garoto fora.

O garoto gritou e começou a chorar novamente, enfiando as mãos entre as pernas para protegê-las.

Eu deveria fazer algo para impedir isso, Joost pensou. *Eu deveria achar um modo de protegê-la, de proteger ambos. Mas então o quê?* Ele era um ninguém, novo na *stadwatch*, novo naquela casa. *Além do quê*, ele se deu conta envergonhado, *eu quero manter meu emprego*.

Anya simplesmente sorriu e inclinou a cabeça para trás, encarando o sargento.

— Atire no vidro.

— O que foi que ela falou? — perguntou o mercador.

— Sargento! — o capitão vociferou.

— Atire no vidro — Anya repetiu.

O rosto do sargento ficou inexpressivo. Ele inclinou a cabeça um pouco para o lado como se estivesse ouvindo alguma música distante, e então sacou seu rifle e apontou-o para a janela de observação.

— Abaixem-se! — alguém gritou.

Joost se jogou no chão, cobrindo a cabeça enquanto os rápidos estrondos de tiros enchiam seus ouvidos e estilhaços de vidro choviam sobre suas mãos e costas. Seus pensamentos eram um turbilhão em pânico. Sua mente tentou negar, mas ele sabia o que tinha acabado de presenciar. Anya havia ordenado que o sargento atirasse no vidro. Ela o *obrigara* a fazer aquilo. Mas não era possível. Grishas Corporalki especializavam-se no corpo humano. Eles podiam parar seu coração, reduzir sua respiração, quebrar seus ossos, mas não podiam controlar sua mente.

Por um momento reinou o silêncio. Então Joost estava de pé como todos os outros, pegando seu rifle. Hoede e o capitão gritaram ao mesmo tempo.

— Prendam-na!

— Atirem nela!

— Você sabe quanto dinheiro ela vale? — Hoede replicou. — Alguém a renda! Não atirem!

Anya levantou as mãos, mangas vermelhas esticadas para os lados.

— Esperem — ela disse.

O pânico de Joost evaporou. Ele sabia que tinha ficado assustado, mas seu medo era um medo distante. Ele estava cheio de expectativas. Ele não tinha certeza do que estava por vir, ou quando, mas sabia que alguma coisa ia acontecer e era essencial que estivesse pronto para ela. Talvez fosse bom, talvez fosse ruim. Ele não se importava, na verdade. Seu coração estava livre de preocupações e desejos. Ele não ansiava por nada, não lhe faltava nada, sua mente vazia, sua respiração estável. Ele só precisava *esperar*. Observou Anya levantar-se e pegar o garoto. Ouviu-a cantando suavemente para ele alguma canção de ninar de Ravka.

— Abra a porta e entre aqui, Hoede — ela disse. Joost ouviu as palavras, entendeu-as, e então as esqueceu.

Hoede andou até a porta, tirou a trava e entrou na cela de aço.

— Faça o que mando e isso logo terminará, *já?* — Anya murmurou com um sorriso. Seus olhos eram poços negros infinitamente profundos. Sua pele estava acesa, brilhante, incandescente. Um pensamento passou rapidamente pela mente de Joost: — *Linda como a lua*.

Anya mudou o garoto de posição em seus braços.

— Não olhe — ela murmurou perto de seu ouvido. — Agora — ela disse a Hoede. — Pegue a faca.